

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: USO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS

FREE AND INFORMED CONSENT: USING COMICS IN STUDIES WITH CHILDREN

*Neiva de Aquino Albres **

*Danielle Vanessa Costa Sousa ***

Resumo

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um instrumento que informa e protege os participantes de uma pesquisa. Contudo, quando se trata de crianças, parece-nos que há poucas indicações sobre como apresentar as necessárias informações para a intervenção inicial. A partir das necessidades de uma pesquisa realizada com crianças de 4 a 6 anos da Educação Infantil, buscou-se delinear um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido mais adequado a esse público. Este trabalho, que tem como base teórica os estudos de Vygotsky sobre a relação entre organização dos processos mentais e desenvolvimento da linguagem, aborda a adaptação do Termo de Consentimento para um Termo de Assentimento multimodal, em forma de História em Quadrinhos, aplicável a crianças participantes de pesquisas em geral, desenvolvido por meio de uma pesquisa aplicada de abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Ética em pesquisa. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE. Libras.

Introdução

Recentemente, estabeleceu-se o consenso da necessidade de Ética no fazer científico, com a necessidade de respeito aos colaboradores e de maior cuidado com os participantes da pesquisa, mesmo nas etnográficas que utilizam técnicas de observação do participante, notas

* Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira – DLSB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads. E - mail: neiva.albres@ufsc.br

** Doutoranda e Mestre (2014) em Linguística pela UFSC. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA e Coordenadora do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas-NAPNE. E-mail: dvcs.libras@gmail.com

de campo e entrevista, com ou sem gravação em vídeo (DINIZ, 2008). Definiu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE¹ como um documento essencial em qualquer pesquisa que envolva seres humanos. São as instituições de pesquisa, por meio dos Comitês de Ética, que formatam normas e desenham modelos de TCLE, exigindo que constem nesses documentos: objetivos, método, riscos e benefícios da pesquisa.

No decorrer de um projeto de pesquisa com crianças, intitulado *Metodologias de ensino de Libras como segunda língua para crianças ouvintes*, que teve como objetivo produzir, aplicar e avaliar atividades lúdicas em Libras – de acordo com as características dos métodos e abordagens de ensino de segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) – de modo a verificar as estratégias que melhor contribuiriam para o desenvolvimento das habilidades de produção e compreensão na Libras², percebeu-se a necessidade de um trabalho ético que considerasse a voz dos participantes da pesquisa³. Isso nos levou a refletir sobre como seria possível aplicar um TCLE para crianças entre 4 e 6 anos de idade.

A orientação das universidades é de que todas as pesquisas devem ter TCLE e quando os participantes são menores de 18 anos, deve-se desenvolver um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE. No caso de crianças e adolescentes seria indispensável elaborar um documento específico, com adaptação da linguagem, e a redação de dois documentos, um para os pais e outro para os participantes menores de idade. No entanto, muitas instituições não fornecem um modelo para essa produção e faltam indicações de como produzir os TALEs.

Sobre a pesquisa com menores, Dermartini (2002, p. 14) questiona, “como entender o que as crianças falam, com seu mundo de fantasias, com suas construções próprias e entendê-las a partir de nossa visão de quem não é mais criança? Esse é o desafio dos pesquisadores”. Como, então, assegurar que as crianças tenham o entendimento do que a pesquisa envolve e que, conscientes do que se trata, possam consentir em participar?

A capacidade de uma criança compreender as consequências de seus atos e sua participação na sociedade desenvolve-se por meio de um processo. Consideramos que a participação na escola, em atividades pedagógicas, contribui para o seu desenvolvimento conceitual por meio de atividades que lhe propiciam vivenciar a escuta e a expressão. Por outro lado, a participação em uma pesquisa amplia os seus conhecimentos sobre si mesma.

Assim como acontece com os adultos, a criança tem direito de ser informada sobre a pesquisa da qual participará. No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o artigo 15 dispõe que: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 1990). O artigo 16 do mesmo documento especifica que um dos aspectos do direito à liberdade relaciona-se ao livre uso de “opinião e expressão” (BRASIL, 1990). Portanto, além da prévia autorização dos pais, as crianças também têm o direito de receber informações sobre a pesquisa da qual participarão, com explicações sobre os procedimentos e sobre a importância de sua contribuição.

Conforme os comitês de ética de instituições de pesquisas, tanto a explicação dada aos participantes como a tomada de consciência sobre os processos da pesquisa devem ser documentadas. No caso de crianças, imaginou-se que seria necessário algo concreto para que, ao apresentarmos a pesquisa, fosse possível melhorar a compreensão do processo e de suas consequências.

Assim como o TCLE tem um documento que registra essas informações, o TALE deve, além de registrar as informações, materializá-las, a fim de que a criança participante possa retomá-las. Francisco e Bittencourt (2014, p.7-8) consideram que o Termo de Assentimento “deve ser trabalhado pelo pesquisador e promovidas formas de obtê-lo participativamente”.

Pesquisadores têm dúvidas sobre o quanto efetivo pode ser um termo de assentimento escrito para crianças, mesmo com uma linguagem adaptada. Embora apoiem a ideia de que as crianças precisam ser respeitadas, que têm o direito de ser informadas e de expressar opinião sobre sua participação em uma pesquisa, não encontramos Termos de Assentimento desenvolvidos especificamente para crianças. Acredita-se que, embora possam dar o consentimento no início, talvez elas o façam sem compreender o que de fato significa a pesquisa, ou ainda, podem também esquecer as informações iniciais. Quando a pesquisa ocorre em estabelecimentos de ensino, após a autorização da escola e dos pais, ao se iniciarem as atividades relacionadas com a pesquisa, deve-se perguntar às crianças se elas desejam participar, expondo as atividades específicas que serão desenvolvidas (EINARSDÓTTIR, 2007).

As questões que motivaram esta pesquisa sobre Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE foram: como desenvolver um TALE adequado para crianças de 4 a 6 anos? Como elaborar um TALE que leve em consideração o seu nível linguístico e cognitivo? Seria possível usar uma linguagem multimodal para registrar as informações dirigidas à criança? Como preparar um TALE para ser utilizado de forma interativa?

Dada a magnitude da discussão sobre ética no campo da pesquisa e sobre as consequências da pesquisa para as pessoas envolvidas, esse debate se faz necessário. Desafiados pelo problema, buscamos refletir sobre alguns caminhos possíveis e, para tanto, buscamos as teorias da psicologia social.

1. Contribuições dos estudos sobre aquisição de linguagem para a construção do TALE

Os processos intelectuais e, especialmente, os processos de abstração e generalização, que estão intimamente relacionados com a linguagem, desenvolvem-se na infância e contribuem para a compreensão do mundo externo. Quando nos propomos a adaptar um instrumento como o TALE, visando oferecer à criança informações complexas sobre sua participação em uma pesquisa científica, faz-se necessário pré-estabelecer, a partir de estudos pontuais, como a criança compreenderia tais informações. Fundamentamo-nos na abordagem histórico-cultural, buscando melhor compreender o desenvolvimento infantil, a fim de contribuir com o delineamento de um material acessível à criança que participa de uma pesquisa.

A expressão oral da criança propicia a relação com o mundo externo e de instrumentalização do pensamento, passando por um momento inicial de fala egocêntrica⁴ (VIGOTSKI, 1998). A dinâmica do processo de formação de conceitos, proposta por Vigotski, pode ser sintetizada em três fases: agregação desorganizada, pensamento por complexos e formação de conceitos.

Na fase da agregação desorganizada, as palavras surgem para a criança como conglomerados vagos e sincréticos. Pesquisas que focam aspectos anatomo-funcionais do ser humano, identificam as diferenças de comportamento dos bebês quando a estimulação física (sucção) é associada à fala humana e afirmam que as funções cerebrais são mais intensas quando se associa corpo e linguagem, com o uso da audição (FERNANDES, 1998).

Vigotski (2009) afirma que o pensamento e a linguagem são fenômenos independentes e autônomos, que aos poucos vão se aproximando, convergindo para uma relação íntima, quando do desenvolvimento dos processos mentais superiores, sendo a linguagem essencial para a compreensão e construção de conceitos mais elaborados. A língua não é indispensável para o pensamento. Há um processo ontogenético específico, pelo qual passam os bebês, em que é possível “pensar” sem uma língua totalmente constituída. Essa fase, bem inicial, é denominada por Vigotski “agregação desorganizada” e corresponde ao período em que uma criança ainda não fala. Nessa fase há o predomínio do sincretismo e a elaboração de um TALE é praticamente descartada em pesquisas, sendo unicamente dos pais a responsabilidade pela autorização da participação do bebê em pesquisas.

Na segunda fase do processo de formação de conceitos, proposto por Vigotski, o “pensamento por complexos”, tem sua base na experiência prática da criança, determinando sua forma de compreender e de agir no mundo. A partir de generalizações mais simples a criança passa a refletir sobre a linguagem e a elaboração de conceitos abstratos. A linguagem amorfa, não separada da atividade direta, é própria da criança entre 1 ano e meio e 2 anos de idade, quando seus processos mentais ainda não estão totalmente desenvolvidos, por causa do desenvolvimento incompleto dos processos neurodinâmicos (LURIA e YUDOVICH, 1985, p. 65).

Pesquisas indicam que, em crianças entre 2 e 3 anos, o uso de mecanismos para assegurar e focalizar a atenção do ouvinte e para manter a interação são subsidiados por meios não verbais, associados à linguagem verbal. Dessa forma, no caso do TALE, faz-se necessário criar um instrumento que chame a atenção da criança e que focalize, de forma concreta, o tópico do discurso. Como é comum em interações com crianças que elas proponham novos tópicos, a criação de um TALE adequado pode ser útil para o pesquisador retomar o tópico do discurso, tornando-se um material de negociação, a partir da consideração de que, segundo Fernandes (1998, p.33) “a proposição do tópico do discurso da criança frequentemente exige pressupostos contextuais que possam preencher falhas sintáticas e semânticas do discurso”.

As pesquisas de Vigotski (2000, p.66) mostram que é durante a brincadeira, na idade pré-escolar, quando a conduta da criança se subordina a um modelo imaginativo, que aparecem traços de atividades que prelidam o desenvolvimento futuro e estabelecem as bases de transição a novas e mais complexas formas de vida mental. Nessa fase, as crianças

podem associar significados simulados a objetos, desenvolvendo cada vez mais sua capacidade de compreensão, por meio da atividade lúdica significativa.

A partir dessas proposições, pensamos que, para crianças bem pequenas, poderíamos criar bonecos, que simulassem os personagens da pesquisa, e um tabuleiro, ou caixa, representando o *locus* da pesquisa. Em uma brincadeira de “faz de conta”, pode-se conversar com a criança sobre o que se pretende com a pesquisa, definir o papel de cada participante e esclarecer algum outro aspecto que for necessário. As crianças poderiam manusear os bonecos e assumir papéis, principalmente o de uma criança que participa da atividade da pesquisa, vivendo, por meio da brincadeira simbólica, o que de fato viveria no decorrer da pesquisa.

O pensamento por complexos é característico dos povos primitivos, para os quais as palavras não são portadoras de um conceito, mas se assemelham a coleções para grupos de objetos concretos, dito de outro modo, o pensamento por complexos tem sua base na experiência prática o que requer a situação imediata para compreensão, a palavra por si só não propicia a abstração (VIGOTSKI, 2000). Assim, algo material (desenho, vídeo, escrita) pode contribuir para a construção do conceito de pesquisa, para a compreensão do tema da conversa e do que estão solicitando aos participantes, quando associado às vivências das atividades experienciadas.

Para crianças um pouco maiores, entre 4 e 6 anos, há diversas experiências com uso de desenhos, empregados em pesquisas no campo da fonoaudiologia e da psicologia. No trato com crianças, Lacerda (1995) critica a intervenção terapêutica que use exclusivamente a palavra, como os testes de listas de palavras. Em sua pesquisa, Lacerda (1995, p. 33) afirma que “o interesse está no desenho enquanto sistema de representação simbólica e no uso que a criança faz dele para chegar a significar ideias e gerar leituras por outras pessoas”, pois o desenho, segundo esse autor, é um dos instrumentos culturais que favorece a construção de conhecimento, sendo amplamente usado na escola, associado ou não a escrita.

O desenho infantil é uma forma de interlocução da criança com a sociedade, comum nas práticas pedagógicas (GUIMARÃES, 2011), além de ser familiar às crianças, principalmente às que estão em fase de aprendizagem da escrita. Por isso pensou-se na construção de um TALE por meio de desenhos que compusessem uma história em quadrinhos para informar à criança com idade entre 4 e 6 anos sobre a pesquisa, levando-a a participar

imaginativamente da história como personagem que interage em atividades escolares que farão parte da pesquisa.

Einarsdóttir (2007) observa que pesquisadores sugerem a produção de folhetos informativos com imagens que devem ser apresentadas à criança pelo pesquisador. Indicam também o uso de folhetos com imagens que estimulem, em crianças surdas, ou com algum tipo de deficiência cognitiva, o seu consentimento em participar da pesquisa. De acordo com o Documento Especializado de Orientação em Ética em Pesquisa da Sheffield University (2014), que traz considerações sobre a ética na pesquisa com crianças e jovens, é recomendável a produção de folhetos informativos sobre a pesquisa a ser realizada em diferentes formatos, para diferentes grupos etários de crianças, assim como uma prévia discussão em grupo, para melhor explicar um projeto de pesquisa.

De acordo com Butler (2012), é recomendável que, em cada sessão, o pesquisador inclua um breve resumo do Termo de Consentimento, construindo um plano da atividade do dia. Isso levará as crianças a se lembrarem do formulário inicial e, em grupo, colaborarão uma com a outra, no processo de compreensão das ações. Espera-se também que o pesquisador prepare uma sinopse do que as crianças comentaram no decorrer do processo.

É possível ainda desenvolver uma animação híbrida, em vídeo e áudio, apresentada em um iPad, com o uso do *Adobe Voice*⁵ e do *Stop motion*⁶. Consideramos que há muitas outras possibilidades de criação de instrumentos que informem sobre a pesquisa e que favoreçam a interação entre pesquisador e criança. Cabe lembrar que entre 4 e 6 anos, ocorre o desenvolvimento do pensamento por conceitos propriamente dito. Estabelecendo-se um último tipo de complexos, o pseudoconceito. Nessa fase, a criança generaliza fenotipicamente, embora psicologicamente o seu conceito seja muito diferente do conceito usado pelo adulto.

A terceira fase do processo de formação de conceitos, apresentado por Vigotski, que corresponde à forma adulta de pensar é a do “pensamento por conceitos”. A criança atinge esse nível de pensamento na adolescência quando se estabelecem funções intelectuais como: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade de comparar e diferenciar. Para adolescentes, geralmente o TCLE é escrito com poucas diferenças do que é desenvolvido para adultos, considerando que os jovens conseguem abstrair essas informações por meio da escrita.

2. Metodologia da pesquisa

Dada a natureza do fenômeno a ser discutido, ou seja, das estratégias de elaboração de um TALE para crianças entre 4 a 6 anos, este trabalho se configura como um estudo de caso. Conforme Yin (2005), o estudo de caso pode ser considerado como um plano metodológico relevante para as pesquisas em ciências humanas, proporcionando ao pesquisador um aprofundamento sobre o fenômeno estudado. Os estudos de caso adotam diferentes metodologias e não são usados apenas como modalidade de pesquisa. Seu uso encontra-se em diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia, o Direito, a Psicanálise, dentre outras. Este estudo é apresentado como um caso qualitativo, voltado para a modalidade de pesquisa do contexto educacional.

Santaella (2001, p.145) observa que “o estudo de caso se volta para indivíduos, grupos ou situações particulares para se realizar uma indagação em profundidade que possa ser tomada como exemplar”. No estudo de caso, conforme Nunan (1992), o pesquisador escolhe um exemplo para representar o fenômeno que está sendo estudado, interpretando a maneira como esse modelo selecionado funciona em uma dada situação. Neste trabalho, o TALE foi o exemplo escolhido.

No desenvolvimento do projeto intitulado *Metodologias de ensino de Libras como segunda língua para crianças ouvintes* foi necessário elaborar um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE para crianças entre 4 a 6 anos de idade, visando algumas ações transformadoras. Nesse sentido, é possível se pensar neste estudo de caso como um estudo que:

[...] envolve a coleta sistemática de informações sobre uma pessoa particular, uma família, um evento, uma atividade ou, ainda, um conjunto de relações ou processo social para melhor conhecer como são ou como operam em um contexto real e, tendencialmente, visa auxiliar tomadas de decisão, ou justificar intervenções, ou esclarecer por que elas foram tomadas ou implementadas e quais foram os resultados (CHIZZOTTI, 2006, p.135).

O desenvolvimento de um estudo de caso pode apresentar três fases. A primeira é a seleção e delimitação do caso. Esta fase é relevante e decisiva para análise da situação que será estudada. É importante ter clareza sobre o objetivo pretendido, o que será estudado e as evidências procuradas (CHIZZOTTI, 2006). O desafio foi criar um instrumento que

estimulasse o diálogo entre pesquisador e criança, para que ela pudesse perguntar, interagir e se posicionar favoravelmente, ou não, a sua participação na pesquisa.

A segunda fase envolve o trabalho de campo. Nessa etapa ocorre a coleta sistemática de informações sobre aspectos da vida de um indivíduo, de um evento ou de uma organização, visando a reunião e a organização de um conjunto de informações. As fontes podem ser cartas, relatórios, histórias de vida, entrevistas. Selecionamos o TCLE para os pais da pesquisa mencionada e, por não termos um modelo adequado para crianças da educação infantil, partimos para a construção de um TALE. Visando nos instrumentalizar nessa empreitada, desenvolvemos várias leituras sobre ética, bioética, desenvolvimento linguístico-cognitivo e sobre crianças na faixa etária abordada nesta pesquisa.

A terceira fase refere-se à organização e redação de um relatório, que poderia ser em estilo narrativo, descritivo ou analítico, ilustrado ou não, filmado, fotografado ou representado (CHIZZOTTI, 2008). Foi nessa fase que decidimos criar uma história em quadrinho, uma adaptação do termo de consentimento escrito para os pais das crianças participantes. Neste artigo, apresentamos os quadros da HQ explicando a intervenção pensada para cada quadro.

3. Termo de assentimento para crianças: uma versão em HQ

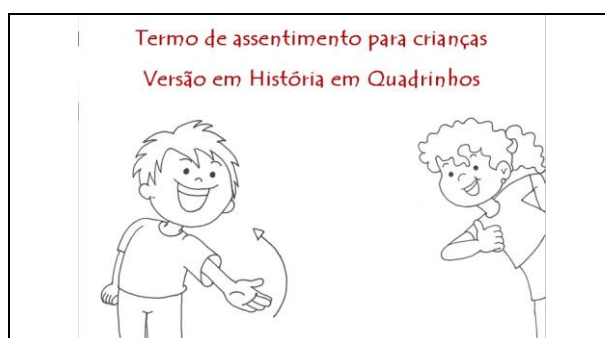
O pensamento de uma criança tem características próprias e não segue a mesma ordem da racionalidade do mundo adulto. Como entre os 4 e 6 anos, o pensamento da criança é fortemente marcado pelo pensamento por complexos, são necessárias algumas reflexões sobre o processo de adaptação do TCLE, para que as práticas dos pesquisadores sejam mais eficazes. O TALE que assim foi criado se destinou a crianças ouvintes que tinham aulas de Libras como parte do Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino. Essas aulas forneceram dados para pesquisas sobre metodologias de ensino, formação de professores, processos de aprendizagem, entre outros aspectos vividos em sala de aula. Nos subcapítulos que se seguem, serão apresentados excertos do TCLE, seguidos de sua adaptação para crianças, em forma de história em quadrinho.

3.1 Texto introdutório

O texto inicial do TCLE destinado aos pais visa notificá-los sobre o convite para a participação da criança na pesquisa de forma voluntária: “A criança, sob sua responsabilidade,

está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa ‘Metodologias para o ensino da língua brasileira de sinais (Libras) como L2 para crianças ouvintes’”. O primeiro quadrinho do TALE (Figura1), em consonância com o texto inicial do TCLE, buscou representar o convite à criança para participar da pesquisa por meio da representação do sinal /VENHA/ produzido pelo menino e pelo sinal /POSITIVO/ produzido pela menina.

Figura 1: Capa da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

O TALE aborda uma perspectiva de interação com a criança e, na aplicação, o pesquisador deve apresentá-lo à criança, procurando criar alguma expectativa, com uso de sugestivas entonações de voz. O pesquisador fará uma leitura compartilhada da HQ, procurando levar a criança a se envolver com a história.

No âmbito da educação infantil, desde os gestos, o olhar e a tonicidade da fala, a dinâmica interacional ligada à língua é comandada pelo adulto, que dirige a palavra às crianças como aquele que nomeia e atribui significados a serem apropriados por elas enquanto um bem coletivo (VIEIRA, 2016, p.36).

Considerando que as crianças estão em processo de aquisição de linguagem e de letramento, o pesquisador, durante a leitura do TALE em HQ, conduzirá a criança no processo de construção de significados sobre os objetivos da pesquisa. A criança, segundo Vieira (2016, p. 39), “utiliza a imaginação como dimensão criativa e dela lança mão para responder aos estímulos do meio em que está inserida. No entanto, tal ação responsiva não ocorre alheia à sua experiência, como algo totalmente novo”. De acordo com Vigotski (2009, p.22), contudo, “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade

da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui material com que se criam as construções da fantasia”.

Diante desse fato e da experiência por nós vivenciada, consideramos mais prudente aplicar o TALE de nossa pesquisa após algumas aulas, considerando que os responsáveis pelas crianças foram informados anteriormente e haviam permitido sua participação. Dessa forma, o TALE só seria aplicado do meio para o fim da pesquisa, para que tivessem algumas vivências anteriores como referência e melhor compreendessem o propósito do estudo.

3.2 Os objetivos registrados

O TCLE informa aos pais, ou responsáveis pela criança, que as atividades serão planejadas a partir dos métodos e das abordagens próprios do ensino de uma segunda língua, para em seguida serem aplicadas e avaliadas. A proposta da pesquisa é desenvolver atividades lúdicas e, por meio delas, verificar as melhores estratégias para o ensino da Libras.

Nesta pesquisa, pretendemos produzir, aplicar e avaliar atividades lúdicas em Libras – de acordo com as características dos métodos e abordagens de ensino de segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) – de modo a verificar as estratégias que melhor contribuirão para o desenvolvimento das habilidades de produção e compreensão na Libras.

Figura 2: Quadro 1 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

Algumas das informações do TCLE não são apresentadas explicitamente no TALE, como pode ser visto na Figura 2, pois se buscou destacar a informação mais relevante para a criança, que são as aulas de Libras na escola.

Considerando a idade das crianças a que este material se destina e o nível linguístico-cognitivo do período definido por Vigotski (2000) como “pensamento por complexos”, algumas das expressões e dos termos e expressões utilizados, tais como: “métodos e abordagens de ensino”, “estratégias”, “segunda língua (L2)”, seriam superficialmente compreendidos, visto que as crianças nessa fase vivenciam as atividades da escola sem necessariamente compreender todos os conceitos envolvidos no planejamento dos professores. Dessa forma, o TALE apresenta em forma de imagem o espaço da pesquisa, ou seja, a escola, diante da qual a professora faz sinais, à espera das crianças.

Esse desenho serve como material concreto para iniciar o tópico de conversa com a criança sobre a proposta da pesquisa. Então, cabe ao pesquisador ler as imagens com a criança, apresentando o que se vê no quadrinho: “Aqui está a escola, e aqui, vemos a professora”. Em seguida, expor algumas questões como: “Você tem aula com a professora Adriana?” “Você já teve aula de Libras?” Por fim, concluir afirmando: “Então, essa história é sobre as aulas de Libras. Vamos ver o que acontece na aula de Libras e o que irá acontecer quando fizermos a pesquisa”.

Mesmo que as crianças ainda não tenham construído conceitos complexos sobre o que é fazer uma pesquisa, a interação com o pesquisador e a vivência das atividades relacionadas à pesquisa, realizadas na escola, favorecerão o seu desenvolvimento conceitual. Quando uma criança já participou de alguma pesquisa, consegue explicar conceitos relativos ao experienciado, por exemplo, quando as aulas são filmadas, quando pesquisadores observam a turma ou quando são aplicados diferentes testes.

Baseados em Vigotski, podemos afirmar que, nessa fase da infância, a palavra “pesquisa”, empregada pelo pesquisador, não ganha significado apenas devido às impressões subjetivas da criança, mas também em decorrência das relações concretas e factuais que ela já vivenciou. Então, o pesquisador precisa conhecer o contexto da escola e conduzir essas associações, por exemplo, citando que haverá uma pesquisa sobre a aula de Libras, semelhante a outras pesquisas já desenvolvidas na escola. Assim, retoma-se o concreto para a criança por meio da palavra.

3.3 A Justificativa

O TCLE apresenta em sua Justificativa a importância da pesquisa, buscando esclarecer sobre sua necessidade. No TALE, procura-se informar as crianças sobre a presença da pesquisadora, explicar o porquê do trabalho que será realizado e antecipar informações sobre a estrutura que será utilizada na sala para a filmagem. O quadrinho 2 da TALE (Figura 3), enfatiza que entre as atividades realizadas no decorrer da pesquisa, serão contadas histórias, como uma forma de ensino, para que as crianças possam vir a interagir com uma pessoa surda.

Este estudo se justifica pela necessidade de promoção de uma sociedade igualitária, em que as crianças surdas possam ser verdadeiramente acolhidas nas escolas e em outros espaços educacionais com respeito à sua diferença. Ao introduzir a Libras de forma lúdica na educação infantil, torna-se possível disseminar a Libras na sociedade brasileira de uma maneira mais agradável e com maior alcance, favorecendo a inclusão educacional e social das crianças surdas por meio da construção de uma sociedade bilíngue.

Figura 3: quadro 2 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

Após apresentar o quadrinho, a pesquisadora pergunta o que as personagens estão fazendo e qual o papel de cada personagem (pesquisadora, professora de Libras e alunos). Os termos didáticos e pedagógicos do TCLE são retomados, mas com uma linguagem mais acessível. O pesquisador pode ler para a criança o que está escrito abaixo do quadro: “Vamos estudar como a professora ensina Libras. Como são as atividades, as brincadeiras e a contação de histórias. Para isso é importante registrar a participação de todos (professora e alunos)”.

3.4 A definição do grupo participante

O TCLE expõe dados sobre a formação do grupo que participará da pesquisa e informa aos pais ou responsáveis que haverá uma única turma participante: “A turma de crianças que será o principal objeto deste estudo é a turma 5B do (...), período vespertino, conduzida pela professora (...)”.

Figura 4: quadro 3 e 4 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

Após apresentar os quadrinhos do TALE, o pesquisador pode dizer, utilizando linguagem acessível à criança, que os pais foram informados de que os alunos terão aula de Libras e que nem todas as crianças da escola vão participar, mas apenas uma turma. O pesquisador pode pedir à criança para ler o que está na porta da sala de aula no desenho, a identificação da turma, o que levará a criança a perceber que se trata de sua turma.

3.5 Benefícios da pesquisa

A importância do aprendizado da Libras desde criança, é uma ideia apresentada no TCLE escrito para os pais e responsáveis: “Similarmente, as crianças ouvintes também poderão se beneficiar dos diversos ganhos sociais, cognitivos e linguísticos do bilinguismo, além de terem a oportunidade de conhecer a cultura dos surdos e o seu modo de ser sob uma perspectiva de ganho, ao invés de perda”.

No TALE, buscou-se ressaltar para as crianças que, com o estudo da Libras, poderão se tornar bilíngues, conversar e fazer novos amigos. A ideia, como pode se ver na Fig. 5, é mostrar para a criança que isso poderá ter outras repercussões, propiciando a construção de uma sociedade bilíngue, mais igualitária, e minimizando o preconceito linguístico.

Figura 5: quadro 5 e 6 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

O pesquisador pergunta à criança se ela sabe fazer o sinal que aparece representado na Figura 5, se ela sabe cumprimentar uma pessoa surda. O pesquisador pode fazer o sinal com ela de “Oi” e, em seguida, chamar a atenção para o próximo quadrinho, em que se vê dois adultos conversando em Libras. Pode-se dizer para a criança que, se aprender Libras na escola, quando crescer poderá conversar com pessoas surdas, ajudando-as a interagir com o mundo dos ouvintes, colaborando assim com sua inclusão social.

Por meio do TALE, o pesquisador apresenta para as crianças as primeiras referências de documento institucionalizado, na qual a linguagem se constitui elemento delimitador da ação, uma vez que potencializa significados por meio da fala, mas que nem sempre a criança compreende totalmente.

A fala isolada, sem experiências vividas e sem um registro é um problema para a elaboração conceitual. Este aspecto é um “problema da enunciação em processos interativos responsivos na relação entre adulto e crianças, presente na dinâmica dialógica desses sujeitos na educação infantil” (VIEIRA, 2016, p.35), por isso, reafirmamos a necessidade de vivências das atividades, antes da aplicação do TALE.

3.6 Sobre os riscos da pesquisa

O texto do TCLE redigido para os pais busca esclarecer sobre possíveis consequências da aplicação da pesquisa:

Os riscos envolvidos na pesquisa envolvem a possibilidade de inibir a criança devido a presença de um pesquisador em sala de aula, além da sua exposição, seja por imagem, seja por identificação sonora, com vistas a

atender estrita e unicamente os objetivos da pesquisa sem, entretanto, reiterar-se, causar prejuízos e/ou danos materiais, físicos ou psicológicos à criança.

As possíveis consequências, decorrentes da aplicação da pesquisa, são abordadas nos quadrinhos 7 e 8 da HQ, que aparecem na Figura 6. Com o intuito de adequar a linguagem dos quadrinhos à criança, preferimos usar como título das duas páginas a sentença “Fato que pode ocorrer”. A intenção foi a de esclarecer que algumas crianças podem ficar tímidas, devido à presença da pesquisadora e da câmera, mas que isso é uma situação normal.

Figura 6: quadrinhos 7 e 8 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

Essas informações podem ser apresentadas de forma interativa, perguntando-se à criança se ela se sente envergonhada em alguma situação. Também é um bom momento para conversar com a criança sobre como as reações das pessoas, diante das mesmas situações, podem ser diferentes.

3.7 Sobre o registro das pesquisas

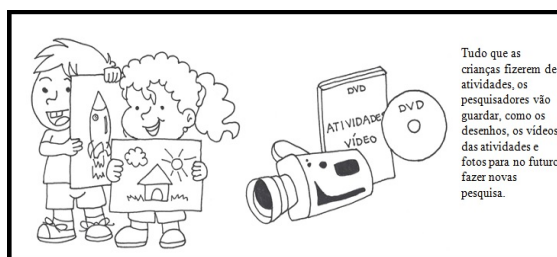
É importante falar com a criança sobre o uso das imagens e expor onde, e em que circunstâncias, a sua imagem poderá aparecer. Mesmo que a criança não compreenda todas as situações expostas pela pesquisadora, é necessário que fique bem claro o uso de sua imagem, que poderá ser apresentada em algum momento fora da sala de aula. Também é importante esclarecer que essa situação trará benefícios a outras pessoas que estudam sobre a Libras e o ensino dessa língua de sinais, informando ainda que seus pais já estão cientes do possível uso das imagens colhidas durante a pesquisa e que essas imagens poderão ser apresentadas na TV, ou seja, sem anonimato na pesquisa, por meio de vídeos e fotos.

Deve-se perguntar à criança se, para ela, haveria algum problema na exibição dos vídeos para outras pessoas adultas que estão estudando como ensinar Libras, o que esclareceria o objetivo dessas imagens como dados de pesquisa. No processo de interação, o pesquisador informa a criança, esclarecendo que os benefícios superam os possíveis riscos. No TCLE para os pais, o texto referente ao processo de gravação de vídeos e fotos, foi o seguinte:

Os vídeos e/ou fotos serão usados para a análise dos dados da pesquisa, podendo aparecer no texto da dissertação da pesquisa, em apresentações em congressos e eventos científicos/educacionais, [...]. Os materiais registrados ficarão arquivados sob a guarda do professor orientador, podendo servir de base para esta e outras pesquisas futuras.

A versão criada para o TALE, em forma de História em Quadrinhos, procura apresentar essas informações sobre os registros realizados. O quadrinho 9 pode ser apresentado à criança com uma pergunta: o que você faz na escola? As respostas provavelmente serão: desenhar, pintar, brincar, escrever, ler e participar de “contação” de histórias. A partir da visualização do quadrinho, deve-se explicar para a criança que essas atividades e também as que iriam acontecer durante a aula de Libras, seriam filmadas e se transformariam em um registro, o qual seria visto várias vezes pelo pesquisador, para que, a partir desse material, ele estudasse e melhorasse sua aula.

Figura 7: quadrinho 9 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

Essa é uma forma de, a partir do desenho e da palavra, contribuir para a construção de conceitos da criança sobre o processo da pesquisa, levando ao seu conhecimento a natureza das atividades que permeiam esse processo e de que forma podem colaborar. Nessa perspectiva, respeita-se o nível de elaboração da criança, que é concebida de acordo com a

concepção de Kramer (2007, p. 272), que reconhece como característico da infância o “seu poder de imaginação, fantasia, criação”, entendendo contudo as crianças “como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira do avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem”. A interação proposta, com base na HQ, coloca a criança no lugar de ser humano pensante, concebendo-a como ser significativo.

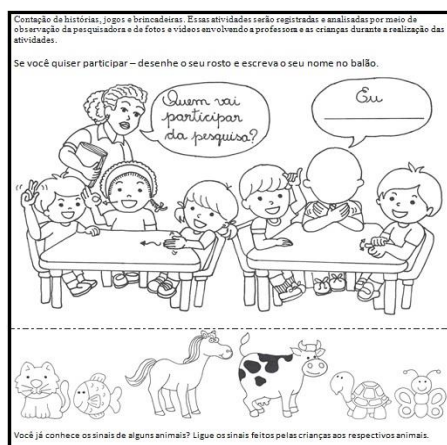
3.8 A assinatura do termo de assentimento

Ao final do TCLE, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, redigido com o objetivo de se registrar a ciência do fato e o consentimento para que a criança possa participar da pesquisa, a autorização é confirmada pela assinatura de um dos pais ou responsáveis.

Eu, _____ portador(a) do documento de Identidade fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa “Metodologias para o ensino da Libras como L2 para crianças ouvintes”, de maneira clara e detalhada. Florianópolis, ____ de _____ de 2015. Assinatura do(a) Responsável.

Da mesma forma, no TALE, propomos que a criança registre a sua participação por meio de um quadrinho, onde ela será levada a escrever o seu nome. Pergunta-se aos participantes se reconhecem os sinais que as crianças estão fazendo no quadrinho da Figura 8. O pesquisador reproduz os sinais ali representados e, ao imitá-los, a criança descobre os sinais que dão nomes aos animais.

Figura 8: quadro 9 da HQ



Fonte: Ilustrações de Neiva de Aquino Albres

O pesquisador propõe que cada animal seja ligado por um traço ao personagem que está sinalizando o seu nome. Para essa atividade, selecionamos seis animais: gato, peixe, cavalo, vaca, tartaruga e borboleta. De acordo com Morato (2000) se as funções cognitivas também estão na dependência dos diversos processos em jogo na significação, elas não são comportamentos previsíveis. Se dependem da significação, são também consideradas atos de linguagem. Dessa forma, o diálogo proposto pelo pesquisador depende do interesse da criança participante, da capacidade do pesquisador de envolvê-la na atividade, conduzindo a atividade de forma prazerosa.

Quando se pergunta à criança se ela conhece as crianças do quadrinho, espera-se que ela responda que são alunos da escola onde ela estuda. Caso a criança não tenha se identificado com a cena do quadrinho, o pesquisador diz que há uma criança sem rosto, que não sabe quem ela é, e lê a pergunta da professora: Quem vai participar da pesquisa? Mesmo que a criança não se coloque na cena, a pesquisadora pode perguntar se ela quer aprender Libras, se quer participar da pesquisa. Em caso afirmativo, sugere que a criança desenhe seu rosto (olhos, nariz, boca e cabelo) no rosto vazio e escreva seu nome, da forma que sabe escrever, para que possa participar da pesquisa.

Dessa forma, a parte final da HQ é apresentada à criança como uma atividade de produção de sinais de animais, de ligar imagens, de desenhar seu próprio rosto de e escrever seu nome. A criança fica com uma cópia da história em quadrinho para colorir. Assim, a HQ torna-se o documento de registro da aplicação do TALE. A conversa instrumentalizada pelo TALE pode ser videogravada, configurando-se como um rico instrumento de registro, pois “operacionaliza a condição na qual pesquisador e sujeitos envolvidos poderão ter possibilidades efetivas de construir conhecimentos sobre as práticas sociais e as representações, tecidas nas interações com o cotidiano, expressas na linguagem audiovisual” (JOBIM e SOUZA, 2007, p.91).

Considerações finais

Nas instituições brasileiras de pesquisa, é consenso que o trabalho científico precisa ser ético e registrado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. No caso de crianças, usa-se o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE. Em conformidade com essa determinação, faz-se necessário empregar metodologias de pesquisa

afinadas não somente com o campo teórico, mas também com o respeito ao outro (DINIZ, 2008).

As crianças são mais vulneráveis do que os adultos, requerendo um cuidado particular na investigação. Vale destacar que, legalmente, as crianças são legalmente incapazes para dar um consentimento informado que possa ser considerado válido. O primeiro passo é o parecer favorável e a permissão dos pais ou responsáveis pela criança, que deve, contudo, estar ciente de sua participação e concordar em fazer parte do estudo.

Isto é particularmente importante no que tange ao uso de técnicas de intervenção e de instrumentos de registro da pesquisa. A criança, como ser social e histórico, apresenta um desenvolvimento de construção de conceitos e de linguagem que precisam ser considerados na construção de um TALE. Essa dimensão pode ser melhor compreendida a partir dos resultados de diferentes pesquisas em educação e psicologia, que permitem caracterizar o modo como as crianças interpretam as informações em determinado contexto, como nos estudos de Vigotski.

Tendo em vista os pontos aqui delineados, foi criado um TALE em formato de HQ. Além de indícios do momento histórico específico da produção de comunicação multimodal, estudos no campo da pesquisa e das metodologias ofereceu-nos elementos para elaboração da HQ. Optar por esse modelo requereu traçar um caminho incomum em pesquisas e nos permitiu construir reflexões teóricas, uma vez que, historicamente, as pesquisas brasileiras que envolvem crianças desconsideram as peculiaridades da infância ou não abordam tal tema. Muitos trabalham com uma criança representada pela imagem de um adulto em miniatura cuja representação linguística permanece similar a dos adultos, quando desenvolvem um TALE por escrito.

O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE em formato de História em Quadrinho pode ser aplicado em crianças de 4 a 6 anos, dando-lhe a oportunidade e o direito de serem informadas, de forma adequada ao seu nível de linguagem. Enfatizamos que não se deve tratar da relação entre a linguagem e o mundo sem pensá-la como ação interativa, criativa, discursiva, pois não há nada específico para regular as significações, que são produto das interações sociais e de sua imersão em histórias de vida.

Pretende-se, com os resultados deste trabalho, estimular outras pesquisas, sobretudo as que envolvam etnografia, ação em escolas e que envolvam crianças. Deseja-se retirar os

TALes do lugar de invisibilidade a que foram relegados. Compreendida a sua importância como instrumento de pesquisa, acreditamos que deva ser compartilhado para que seja adaptado a diferentes situações de pesquisa, com participantes de diferentes idades.

Notas

¹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um instrumento de comunicação entre o pesquisador e o sujeito participante da pesquisa, no qual devem constar todas as informações necessárias para que o sujeito decida se quer ou não participar da pesquisa e registre sua posição com a assinatura desse documento.

² O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC pelo parecer número: 1.356.886, e todos os sujeitos envolvidos (e seus responsáveis) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

³ Optamos pelo uso da expressão “participante de pesquisa” e não sujeito, considerando a voz das pessoas e sua livre escolha em fazer parte do processo de produção de conhecimento.

⁴ Aquela em que a criança enuncia para si mesmo, geralmente em um sussurro, ao mesmo tempo em que desenvolve alguma atividade. Essa fala configura um instrumento do pensamento, assumindo função planejadora da resolução da tarefa durante a atividade desenvolvida pela criança.

⁵ *Adobe Voice* é um aplicativo gratuito para iPad que permite aos usuários mostrarem a “sua história”, adicionando narração personalizável no topo de uma variedade de imagens de animação, música, ícones, textos e temas. Escolhe-se o modelo de história e as páginas são dispostas em uma espécie de *storyboard*. Disponível em: <http://www.tecnologia.com.pt/2014/05/adobe-voice-para-ipad-combina-narracao-com-animacao/> Acesso em:

⁶ *Stop motion* é uma técnica de animação com sequências de imagens estáticas, levemente diferentes entre si para simular movimento.

Abstract

The Free and Informed Consent Form is an instrument that informs and protects the participants of a research. However, when it comes to children, it seems to us that there are few indications about how to present the necessary information for the initial intervention. From the needs of a study done with children aged 4 to 6, from Basic Education, we looked to delineate a Free and Informed Assent Form better suited to this public. This work, which is based on Vygotsky's studies about the relationship between the organization of mental processes and the development of language, approaches the adaptation of the Free and Informed Consent Form into a multimodal Free and Informed Assent Form, in the form of Comics, applicable to children participating in studies in general, developed through an applied research of a qualitative approach.

Keywords: Ethics in research. Free and Informed Assent Form. Libras.

Referências

- AZANHA, José Mário Pires. *Uma ideia de pesquisa educacional*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 12 mai 2019.
- BUTLER, Vicki. An Exploration of How Ethics Inform The Design Of Social Research With Children Under Eleven Years Of Age. In: FLEMING, Jennie. BOECK, Thilo. *Involving Children and Young People in Health and Social Care Research*. Routledge. 2012. p. 63- 72.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- _____. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2008.
- CONSTANTINO, Clóvis Francisco. In: ____; BARROS, João Corolano Rego; HIRSCHHEIMER, Mario Roberto (eds.). *Cuidando de crianças e adolescentes sob o olhar da ética e bioética*. São Paulo, SP: Atheneu, 2009, p. 221-224.
- DEMARTINI, Z. de B. F. Infância, pesquisa e relatos orais (p. 2-17). In FARIA, A. L. G.; DERMARTINI, Z. B.; PRADO, P. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2002. p. 1-17.
- DINIZ, Debora. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. *Ciênc. saúde coletiva*. 2008, vol.13, n.2, pp. 417-426. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n2/a17v13n2.pdf>>. Acesso em: 20 mai 2019.
- EINARSDÓTTIR, Jóhanna. Research with children: methodological and ethical challenges. *European Early Childhood Education Research Journal*. Vol. 15, No. 2, June 2007. Disponível em: <https://pages.shanti.virginia.edu/13Sp_PSYC_4559-003_CGAS/files/2012/06/einarsdottir-2007.pdf>. Acesso em: 12 mai 2019.
- FERNANDES, Eulalia. Teorias de aquisição de linguagem. In: GOLDFELD, Marcia. *Fundamentos em fonoaudiologia linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogansa, 1998. pp.01-14
- FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Os atrasos de aquisição de linguagem. In: GOLDFELD, Marcia. *Fundamentos em fonoaudiologia linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogansa, 1998. pp. 23-38

FRANCISCO, Deise Juliana; BITTENCOURT, Ivanise. Ética em pesquisa com crianças: problematizações sobre termo de assentimento. In: *II Simpósio luso-brasileiro em estudos da criança. Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação* (Universidade do Porto). 2014. Disponível em: <http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1407208141_ARQUIVO_simposioes_tudoscrianca.pdf>. Acesso em: 20 mai 2019.

GUIMARÃES, Célia Maria Introdução - Visão Geral da Disciplina 10. *Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores*. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 1; 200 p. (Curso de Pedagogia). Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/361/3/D14_Caderno.pdf>. Acesso em: 20 mai 2019.

JOBIM e SOUZA, Solange. Dialogismo e alteridade na utilização de imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. *Ciências Humanas e Pesquisa- Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2007. pp. 77-94.

KRAMER, Sonia. *Infância e educação infantil*. 6. ed. Campinas, SP: 2007, p. 269 - 280

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Inter-relação entre oralidade, desenho e escrita o processo de construção do conhecimento*. São Paulo: Cabral, 1995.

LURIA, Alexander Romanovich; YUDOVICH, F. I. *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MORATO, Edwiges Maria. Vygotsky e a perspectiva enunciativa na relação entre linguagem, cognição e mundo social. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, p. 149-165, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a07v2171.pdf>>. Acesso em: 20 mai 2019.

NUNAN, David. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SHEFFIELD UNIVERSITY. *Specialist Research Ethics Guidance Paper*. Ethical considerations in research with children and young people. 2014. Disponível em: <https://www.sheffield.ac.uk/polopoly_fs/1.165641!/file/SREGP-Children-Young People.pdf>. Acesso em: 12 mai 2019.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamentos e métodos*. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VIEIRA, Daniele Marques. Enunciação e atitude responsiva em processos interativos: construindo dialogias na Educação Infantil. In: *Revista Zero-a-Seis*. v. 18, n. 33 p. 154-169 | Florianópolis | jan-jun 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/42425/31488>>. Acesso em: 12 mai 2019.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. São Paulo: Ática, 2009. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. – São Paulo: Ática, 2009.

Submetido em 19 de março de 2019.

Aceito em 16 de maio de 2019.

Publicado em 02 de outubro de 2019.